

*Resista 4  
29/09/91*

# A IGREJA-MATRIZ DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE

**Jeanne Fonseca Leite Nesi**

Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

Segundo o pesquisador Olavo de Medeiros Filho, a região hoje correspondente à cidade de São Gonçalo do Amarante fazia parte da data e sesmaria nº 1, concedida a 9 de janeiro de 1600, pelo capitão-mor de Pernambuco Manuel de Mascarenhas Homem, ao capitão-mor do Rio Grande João Rodrigues Colaço.

Na mesma situação geográfica foi levantado o Engenho Potengi, de que nos dá notícia o conde Maurício de Nassau, em seu Relatório de 14 de janeiro de 1638. Segundo ele, o engenho achava-se "decaído há longos anos, e diz-se que não tem terras capazes".

Relato holandês de 1650, dá notícia dos "cajueiros" e da "campina", onde o chefe indígena Antônio Paraupaba, aliado dos flamengos, cultivava suas roças, local coincidente com as redondezas de São Gonçalo do Amarante.

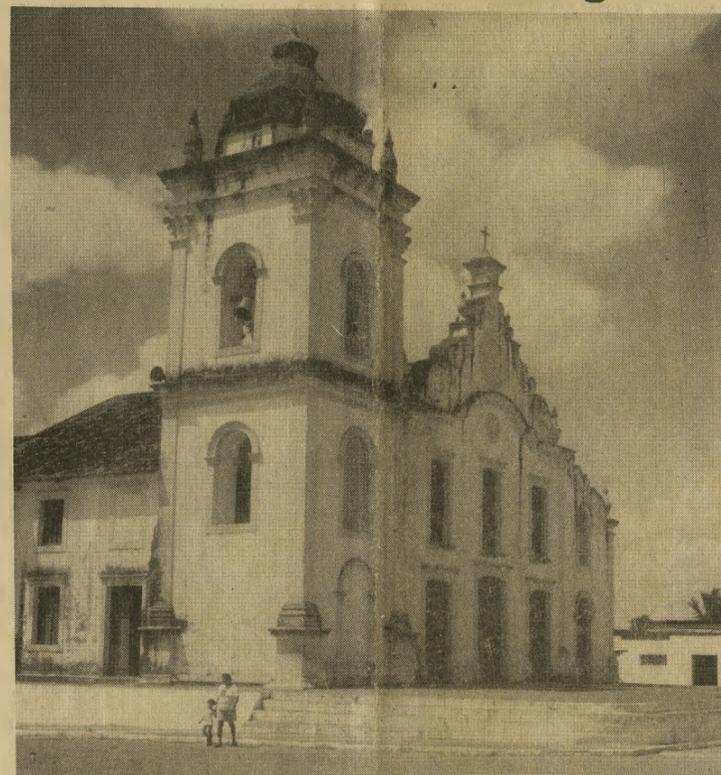
Segundo a tradição local, ainda vigente no final do século passado, a igreja-matriz de São Gonçalo do Amarante foi construída no mesmo local da primitiva capelinha edificada no início do século XVIII, por iniciativa de Pascoal Gomes de Lima e Ambrósio Miguel de Serinhaém. Es-

ses dois senhores, por volta de 1710, chegaram com suas famílias à ribeira do Potengi, vindos do Vale do Serinhaém, em Pernambuco, instalando-se nas vizinhanças do engenho Potengi.

Trataram de construir duas casas assobradadas, à frente das quais ergueram a capelinha, cujo orago era S. Gonçalo do Amarante. Segundo a tradição popular, a construção da capelinha de S. Gonçalo foi em função de um fato insólito: no local onde foi edificado o templo existia uma lagoa, onde certa vez foi encontrada uma imagem de São Gonçalo. Por três vezes aquela imagem foi retirada do local, sempre voltando à mesma lagoa. Achou-se por bem, então, erguer uma capela no local, com finalidade de abrigar o santo...

O escritor Manoel Nazareno Nogueira de Araújo afirma que "em 1719, o Pe. Dr. Simão Rodrigues de Sá, da paróquia de Natal... chega ao sítio de São Gonçalo do Amarante, onde benze a capelinha, celebra a primeira missa a 2 de fevereiro, e logo depois do almoço, o consórcio solene de uma filha de Ambrósio Miguel Serinhaém com o filho de Pascoal Gomes de Lima (...) foi este o primeiro casamento celebrado em São Gonçalo do Amarante".

Ao estudar as capelas vinculadas à matriz do Rio Grande (Natal), o pesquisador Olavo de Medeiros Filho encontrou refe-



rências à capela do Senhor São Gonçalo do Potengi, a partir do ano de 1732, ano em que realmente teria sido inaugurada a referida capela. Serviram-lhe de base para o estudo procedido, os livros remanescentes daquela freguesia de Nossa Senhora da Apresentação do Rio Grande.

Em 28 de março de 1835 foi criada a freguesia do município de São Gonçalo, pelo presidente da província, Basílio Quaresma Torreão. Um dos artigos da Lei nº 27, de criação da freguesia, fazia uma exigência: a de que seria necessária a edificação de uma igreja "decente e para-

mentada", sob pena da freguesia ficar desprovida de pároco.

Em 1838, iniciaram-se as obras de ampliação da capelinha, concluída em 1840. O primeiro vigário da nova matriz foi o padre José Monteiro de Lima, nomeado mediante concurso, em 1844. Ele permaneceu na paróquia durante 28 anos, até o seu falecimento, ocorrido em 15 de janeiro de 1872. Seus restos mortais foram sepultados na própria matriz.

A igreja de São Gonçalo do Amarante é um monumento de relevante interesse arquitetônico, constituindo um raro exemplar da arquitetura barroca no Rio Grande do Norte. Possui altares confeccionados em madeira de excelente qualidade, construídos no século passado por Pantaleão de Oliveira, um artífice nascido em São Gonçalo. Um dos referidos altares foi destruído por um incêndio, na noite de 31 de maio de 1950, sendo reconstruído em 1957.

O templo, que se desenvolve em dois pavimentos, ostenta uma fachada rebuscada, com torre composta de sineira e cúpula, e um bellissimo frontispício barroco, com volutas, rosácea e pináculos. Possui três portas de acesso, superpostas por igual número de janelas rasgadas, todas elas em vãos de arcos abatidos.

O interior apresenta algumas modificações, como a substitui-

ção do piso de tijoleira da nave, por ladrilhos hidráulicos. O piso no pavimento superior é de tabuado largo de ipê. A igreja não possui forro e sua cobertura é feita em duas águas, com tesouras de linha alta.

A matriz teve a sua fase áurea no final do século passado, quando ostentava luxuosos ornamentos e alfaias de ouro. Atualmente, ainda abriga belas e antigas imagens de madeira.

A igreja de São Gonçalo do Amarante foi tombada a nível federal, em 1963, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e restaurada pela Fundação José Augusto, em 1982. Apesar de encontrar-se em plena atividade, não é bom o seu estado de conservação. O templo necessita de obras que visem à sua recuperação e garantam a sua monumental presença na paisagem arquitetônica do Rio Grande do Norte.

Jeanne Fonsêca Leite Nesi

**FONTES:** Informações prestadas à Autora, pelo historiador Olavo de Medeiros Filho; "História de São Gonçalo", de Manuel Nazareno Nogueira de Araújo. Natal, Nordeste Gráfica Ltda, 1983; "São Gonçalo do Amarante". Natal, Centro de Pesquisas Juvenal Lamartine da Fund. J. Augusto, 1981; "Terra Natalense", de Olavo de Medeiros Filho. Natal, Fund. J. Augusto, 1991; outras pesquisas pela Autora.